



CRAVO, CANELA E PASSAS

Gracielle de Jesus Soares¹

Com certeza você já ouviu falar de mim, mesmo que não seja brasileiro, afinal sou mais que uma poliglota, qual é o nome que se dá para quem fala 30 idiomas? Isso talvez soe com prepotência, mas não é. Jovem como eu era, ser conhecida mundo afora me deu ao menos a chance de conhecer a fundo a malícia e a delícia de alguns continentes. Também já fui do teatro e da TV, posso dizer que sou uma mulher vivida. Aliás, bem vivida e resolvida.

Me chamo Gabriela, e sou dona daquele bordão: “eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim”. Bem, essa música não é exatamente o resumo de tudo que eu sou ou o que gostaria de ter sido durante a minha vida, mas é certamente, bem melhor que muito jingle de político por aí.

De antemão, peço desculpas por algumas coisas que eu posso falar, eu poderia evitar, mas aí perderia toda a graça da velhice. O bônus de envelhecer é justamente esse consentimento quase que total, para falar o que quero sem ser censurada.

Não que um dia eu tenha sido - nunca fui mulher de não dizer o que penso ou fazer o que quero para agradar. A verdade é que me inspiro em uma conterrânea, a mulher da casa dos budas ditosos, que conseguiu desmitificar a ideia de que a sabedoria da velhice tem a ver apenas com “não se arrepender do que não fez” e coisas do tipo.

Outro dia vi na pequena televisão do meu quarto, uma reportagem sobre a velhice. É amigos, ela chega para todos, ou pelo menos para os mais privilegiados, e eu fui agraciada com essa dádiva. A carne cor de cravo e canela da Gabriela finalmente amoleceu, meu tempo passou e eu virei uma uva passa. Te assusta

¹ 3º lugar no Concurso Crônicas de Gabriela, promovido pela Secretaria Municipal da Cultura de Ilhéus em agosto de 2018.



imaginar isto?

Você que sempre me imagina com a vivacidade de uma menina subindo em telhado para pegar pipas não pensou que eu envelheceria, não é? É certo que talvez eu tenha uma dificuldade, mas me arranja uma linha para você ver se não sou capaz. Nesta altura da vida, você pode achar que ir até a padaria do outro lado da rua já seja uma aventura e tanta para mim, não é? Porém estou com 60 anos e me sinto tão bem quanto uma jovem universitária.

Eu sei que comecei falando de mim, mas isso aqui não é sobre mim, é sobre todas as mulheres que um dia envelheceram ou que vão envelhecer. Envelhecer é muito mais do que um velho ser, (com o perdão do trocadilho). Ou pelo menos deveria.

Sabe, passei muito tempo sendo vista como “uma mulher à frente do meu tempo” e me entristece perceber que muita coisa ainda não mudou, e que aliás, algumas coisas estão até piores do que eram na minha época. A sociedade ainda vê a mulher de forma diferente, e olha que já se passou tanto tempo desde que eu me tornei um exemplo (considerado por muitos a não ser seguido) de mulher, como se diz hoje em dia mesmo? Empoderada.

Agora você imagina, se já é difícil se impor sendo jovem, o que dizer, sendo uma senhora de 60 anos? Não fossem as minhas convicções eu estaria aqui hoje feliz em cuidar dos meus pares de gatos enquanto sentada na porta com meu tricô, espero a morte me levar. Não que eu ache errado fazer tricô, até me matriculei em umas aulas, mas me botaram para fora pois dei a entender que estava entediada.

Eu gosto de me sentir viva. E afinal, o que pode sentir uma mulher que nada tem a não ser a si mesma? O tempo é uma grandeza física, e de tanto passar, me envelheceu.

E aqui para nós, o governo não se prepara para isso, aliás as coisas estão cada vez piores para quem avança a idade das pernas e embranquece os fios dos



cabelos. Minha aposentadoria ainda não saiu e se não fossem os meus pulos aqui e acolá, nem sei o que seria de mim.

Não sei se foi a velhice que abriu os meus olhos ou se ela, a velhice, simplesmente me deu coragem para dizer o que eu sempre vira e não dissera, por medo. Já que estamos falando de medo, Rubem Alves disse: “Na velhice, o medo se vai porque não se tem mais nada a perder”, mas a verdade é que eu ainda tenho o que perder, a vida. E desta, meus queridos, não abro mão enquanto for viva.

Por isso digo para você que é jovem ainda, seja menino ou menina, mas principalmente às meninas: vivam! Não existe coisa mais genuína do que isso, nada de deixar de ter uma experiência por medo ou por receio do que os outros vão pensar, porque até mesmo eu, que ainda estou tão longe da velhice, comecei a descobrir o que é maturidade agora, e sei que ainda tenho muito o que aprender.

Mas acho curioso quando penso que estou mais perto dos 70 do que dos 50 anos, justamente porque não sinto que tenho essa idade. Sinto-me mais jovem do que na época em que esquentava a barriga no Vesúvio fritando quibes para os coronéis de Ilhéus.

Quanto mais o tempo passa, mais coisas quero fazer. Preciso conhecer o mundo, escrever alguns livros, começar a estudar piano, violino e cavaquinho, retomar os treinos de corrida, continuar minha yoga e colorir as telas dos meus próprios sonhos.